

## HOMILIA PASTORAL

Amados irmãos e irmãs em Cristo,

Neste dia em que a Igreja celebra o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, a Palavra do Senhor chega até nós com uma simplicidade desarmante: «Quem receber um destes meninos, em Meu nome, é a Mim que recebe» (Mt 18,5).

Jesus não diz: «quem receber muitos», mas «**um** destes meninos». Isto significa que, para Deus, cada pessoa conta. Cada rosto tem um valor infinito. Cada criança, cada migrante, cada refugiado é conhecido e amado pelo Pai.

Num mundo em que o elevado número de migrantes pode, por vezes, fazer-nos esquecer o valor da pessoa, Jesus convida-nos a ter um olhar novo: por trás de cada estatística há uma história, um rosto, uma família, um sofrimento, mas também uma esperança. Por isso, o migrante, o refugiado não é nem uma categoria nem um número, mas uma vida.

O Papa Leão recorda-nos que os migrantes não são números nem processos, mas «pessoas com uma família e uma casa deixadas para trás, com sonhos que ninguém tem o direito de desprezar». Com efeito, a dignidade humana não tem passaporte, nem perde o seu valor quando atravessa uma fronteira.

*(Viagem Apostólica do Papa Leão XIV a Espanha, Las Palmas de Gran Canaria, 11.06.2026)*

### 1. Acolher o mais pequeno significa acolher o próprio Jesus

Irmãos e irmãs,

Quando Jesus diz: «*Quem receber um destes meninos, em Meu nome, é a Mim que recebe*» (Mt 18,5), revela-nos uma verdade que interpela profundamente a nossa forma de viver o Evangelho. Ele identifica-Se com os mais pequenos, com os que são mais frágeis e que mais necessitam de amor, proteção e esperança.



O Filho de Deus quis partilhar a nossa condição humana desde o início da Sua vida. Fazendo-Se criança, escolheu entrar no mundo na simplicidade e na fragilidade, manifestando que a grandeza de Deus se revela na humildade e no amor. Por isso, cada criança possui uma dignidade de que ninguém pode privá-la, porque é amada por Deus e chamada a ser sinal da Sua presença.

Esta palavra do Senhor adquire um significado ainda mais forte quando pensamos nas crianças migrantes e refugiadas. Elas não são apenas pessoas que precisam da nossa ajuda: são irmãos e irmãs confiados à nossa responsabilidade. Nos seus medos, nas suas esperanças e na sua vulnerabilidade, Cristo continua a bater à porta do nosso coração.

Acolher uma criança, escutá-la, protegê-la e devolver-lhe a esperança significa acolher o próprio Jesus. É este o critério pelo qual o Senhor nos convida a medir a autenticidade da nossa fé: não pelas palavras que pronunciamos, mas pelo amor concreto que sabemos oferecer aos mais pequeninos. O Papa Leão XIV diz que a sua presença deve, portanto, ser reconhecida e apreciada como uma verdadeira bênção divina, uma oportunidade para nos abirmos à graça de Deus, que dá nova energia e esperança à sua Igreja: «Não vos esqueçais da hospitalidade, pois, graças a ela, alguns, sem o saberem, hospedaram anjos» (Heb 13,2). (*Mensagem do Santo Padre Leão XIV para o 111.º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, 4-5 de outubro de 2025*).

A Igreja não cessa de nos recordar que a caridade cristã não é simplesmente uma ajuda exterior oferecida a alguém que sofre; é um encontro com uma pessoa amada por Deus (Encíclica do Papa Bento XVI, *Deus Caritas Est*, n.º 34). Acolher com amor uma criança ou qualquer outra pessoa vulnerável e imigrante significa tornar-nos instrumentos da ternura de Deus.



## **2. Olhar os mais pequenos com o olhar misericordioso de Deus.**

Irmãos e irmãs,

Depois de nos convidar a acolher os pequeninos em seu nome, o Senhor ensina-nos também a olhar para eles com os Seus olhos. O olhar de Deus não se detém nas aparências, nem nas condições sociais ou nas feridas que marcam a vida de uma pessoa. Ele vê, primeiro de tudo, um filho amado, criado à sua imagem e destinatário do seu amor.

Neste Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, somos chamados a purificar o nosso olhar. Diante das crianças obrigadas a deixar a sua terra, não podemos limitar-nos a considerar as dificuldades da migração ou os desafios que ela implica. A fé em Jesus convida-nos a reconhecer, em cada criança, uma pessoa com uma dignidade inviolável, uma história que deve ser escutada e uma esperança que deve ser preservada.

Olhar com o olhar misericordioso de Deus significa deixar-se tocar pelo sofrimento destes pequeninos, sem ceder à indiferença. Significa aprender a ver para além das feridas, reconhecendo os dons, as riquezas e as possibilidades que o Senhor colocou nas suas vidas. É um olhar que não julga, não exclui nem condena, mas encoraja, apoia e abre caminhos de esperança.

## **3. As crianças migrantes: uma responsabilidade confiada ao nosso amor**

Entre aqueles que vivem a experiência da migração, as crianças suportam um peso particular, pois muitas vezes enfrentam situações marcadas pela guerra, pela pobreza, pela violência e por outras circunstâncias que afetam profundamente as suas vidas. Por vezes, têm feridas visíveis, mas as mais dolorosas são as que permanecem ocultas: o medo da morte e do inesperado, traumas profundos, a perda das referências, a falta de afeto e de segurança, a separação das famílias, a pobreza insuportável e a incerteza

quanto ao futuro. Por isso, as nossas famílias, escolas, paróquias e comunidades religiosas são chamadas a ser lugares de acolhimento, onde estas crianças possam reencontrar segurança, dignidade e apoio.

#### **4. Uma Igreja que acolhe, protege, promove e integra**

Perante os desafios da migração, unamo-nos à Igreja para assumir estas quatro atitudes propostas a favor das crianças migrantes. Trata-se de nos empenharmos concretamente, como recordava o Papa Francisco (Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, 14 de janeiro de 2018):

##### ***a. Acolher***

É-nos pedido que abramos o nosso coração e as nossas comunidades às crianças migrantes. Trata-se de fazer como o próprio Deus, dando espaço ao outro, para que cada criança e cada pessoa vulnerável possa ver a porta abrir-se e ouvir dizer: «Tens um lugar entre nós».

##### ***b. Proteger***

Tal como o próprio Jesus, somos convidados a defender a dignidade das pessoas vulneráveis, sobretudo das crianças, contra todas as formas de exploração e de violência: «Deixai as crianças e não as impeçais de vir ter comigo, pois delas é o Reino do Céu», Diz o Senhor Jesus (Mt 19,13-14).

##### ***c. Promover***

É nosso dever, enquanto cristãos, ajudar cada uma destas crianças a desenvolver os dons que Deus lhes confiou, através da educação, da formação e do acompanhamento. Porque aquilo que dá valor à criança não é principalmente aquilo que recebe, mas aquilo que é capaz de realizar.



#### **d. Integrar**

Somos construtores de um edifício de comunhão, em que cada pessoa humana, incluindo os mais pequenos e os mais vulneráveis, possa oferecer a sua riqueza, a sua cultura e a sua experiência.

Este é o caminho de conversão pessoal perante um fenómeno migratório que não cessa de crescer. Não podemos fechar o nosso coração a Cristo, que bate à porta.

Mas será que a nossa comunidade é verdadeiramente uma casa aberta? Os nossos corações estão abertos para acolher Cristo, que vem incomodar-nos na pessoa da criança migrante, da pessoa vulnerável que grita?

### **5. O acolhimento dos migrantes: um testemunho do Evangelho**

O Concílio Vaticano II ensina-nos que a Igreja é chamada a ser «sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano» (*Lumen Gentium*, n. 1). Deste modo, a Igreja não acolhe os migrantes por simples solidariedade humana, mas porque reconhece neles a presença do Senhor. Isto significa que cada paróquia, cada família cristã, cada comunidade religiosa deve tornar-se um espaço onde ninguém se sinta rejeitado.

O Papa Paulo VI dizia que o mundo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres (Exortação Apostólica do Papa Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, n.º 41). O nosso acolhimento torna-se, então, um anúncio silencioso, mas concreto, do Evangelho. Quando acolhemos uma criança, quando protegemos uma pessoa vulnerável, quando partilhamos com quem é necessitado, anunciamos que Deus é nosso Pai e que cuida de todos os seus filhos.



## 6. Conclusão

Hoje, a Palavra de Jesus é clara: «Quem receber um destes meninos em Meu nome, é a Mim que recebe» (Mt 18,5).

Se não podemos aliviar todos os sofrimentos dos migrantes, podemos, pelo menos, testemunhar-lhes o nosso amor. O Senhor pede-nos para nunca recusarmos o amor àquela mãozinha estendida diante de nós, porque por trás de cada pequenino que sofre se esconde o rosto de Cristo.

Ele pede-nos:

Um sorriso para devolver a esperança.

Uma mão estendida para reerguer uma vida.

Uma porta aberta para favorecer um encontro.

Pedimos-Te, Senhor, um coração semelhante ao Teu: um coração que vê, que escuta, que acolhe, que protege; em suma, um coração que ama.

Faz de todos os migrantes e de quem os acolhe testemunhas de fraternidade e de esperança.

Virgem Maria, Tu que conhecestes o exílio com São José e o Menino Jesus, acompanha todas as crianças migrantes e refugiadas e cuida de cada uma delas, como só uma boa Mãe sabe fazer.

Ámen.

